

# Acontecimentos na irrealidade imediata

VOLUME **21**

**edição brasileira**© Ayllon 2022  
**tradução do romeno**© Fernando Klabin  
**posfácio**© Fábio Zuker

**título original** *Întâmplări din irealitatea imediată* (1936)  
**primeira edição** Acontecimentos na irrealidade  
imediată (Cosac & Naify, 2013)

**edição** Suzana Salama  
**assistência editorial** Paulo Henrique Pompermaier  
**revisão** Renier Silva  
**capa** Lucas Kroëff

**ISBN** 978-65-89705-07-9

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua  
portuguesa somente para o Brasil*

AYLLON EDITORA  
R. Fradique Coutinho, 1139  
05416-011 São Paulo SP Brasil  
Telefone +55 11 3097 8304  
ayllon@hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

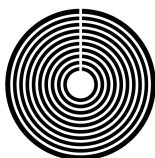
# Acontecimentos na irrealidade imediata

**Max Blecher**

Fernando Klabin (*tradução*)

Fábio Zuker (*posfácio*)

1ª edição



São Paulo 2022

**Max Blecher** (1909–1938) nasceu em Botoşani, Romênia, filho de bem-sucedidos comerciantes judeus do ramo da porcelana. Coursou o liceu em Roman, e em 1928 matriculou-se no curso de medicina da Universidade de Rouen, na França, mas foi obrigado a abandoná-lo pouco tempo depois por conta de sua saúde. Volta então para Roman, onde faleceria em 1938, dez anos após uma sequência de internações hospitalares. A década de internações lhe rendeu muitos escritos e correspondências, como por exemplo as cartas trocadas com André Breton, líder do movimento surrealista francês, e os livros *Corpo transparente*, *Corações cicatrizados* e *Acontecimentos na irrealidade imediata*, além de *A toca iluminada*, uma publicação póstuma.

**Acontecimentos na irrealidade imediata** foi originalmente publicado em 1936, e é composto por um amálgama caleidoscópico de situações que cruzam o caminho do narrador, um personagem desajustado ao mundo. Esses acontecimentos arrastam-no a um turbilhão de pensamentos e ações atravessados por forças contrapostas, no qual as percepções misturadas da realidade, do tempo e do espaço dão lugar a um tipo diferente de discurso, que oferece inquietações fragmentadas ao invés de uma ordem racional.

**Fernando Klabin** nasceu em São Paulo e formou-se em Ciência Política pela Universidade de Bucareste, onde foi agraciado com a Ordem do Mérito Cultural da Romênia no grau de Oficial, em 2016. Além de tradutor, exerce atividades ocasionais como fotógrafo, escritor, ator e artista plástico.

**Fábio Zuker** é antropólogo, jornalista e ensaísta. É autor de *Em Rota de Fuga: ensaios sobre escrita, medo e violência* (Hedra, 2020) e *Vida e morte de uma baleia-minke no interior do Pará e outras histórias da Amazônia* (Publication Studio São Paulo, 2019).

*I pant, I sink, I tremble, I expire*

P. B. SHELLEY



Acontecimentos na  
irrealidade imediata





Ao fitar por muito tempo um ponto fixo na parede, às vezes acabo não sabendo mais quem sou nem onde estou. Então, sinto claramente falta da minha identidade como se tivesse me tornado, de repente, um estrangeiro perfeito. Esse personagem abstrato e minha pessoa real disputam em pé de igualdade a minha convicção.

No instante seguinte minha identidade se recompõe, como naqueles cartões estereoscópicos em que as duas imagens por engano às vezes não coincidem e só quando o operador as ajusta, sobrepondo-as, surge a ilusão de relevo. Nessas ocasiões, o quarto se me apresenta com um frescor inédito. Ele retorna à sua consistência anterior e seus objetos pousam nos devidos lugares, como um torrão de terra esfarelado numa garrafa cheia d'água, que vai se assentando em camadas de elementos diferentes, bem definidas e de cores variadas. Os elementos do quarto se estratificam em seu próprio contorno e no colorido da antiga lembrança que tenho deles.

A sensação de distanciamento e de solidão nos momentos em que minha pessoa cotidiana se dissolve em inconsistência é diferente de quaisquer outras sensações. Quando dura muito, ela se transforma em medo, em pavor de não conseguir nunca mais me reencontrar. Ao longe, persiste uma silhueta insegura de mim mesmo, rodeada por um grande halo de luz, à maneira dos objetos visíveis através da névoa.

A terrível pergunta *quem realmente sou* pulsa no meu âmago como um corpo perfeitamente novo, que cresceu dentro de mim com pele e órgãos que me são completamente desconhecidos. Uma lucidez mais profunda e mais essencial que a do cérebro

exige uma resposta. Tudo o que é capaz de se agitar no meu corpo se agita, debate e revolta com mais força e de modo mais elementar do que na vida cotidiana. Tudo implora uma solução.

Por vezes reconheço o quarto assim como ele é, como se eu fechasse e abrisse os olhos: a cada vez o quarto é mais claro — assim como uma paisagem vista pela luneta, cada vez mais organizada à medida que, ajustando as distâncias, percorremos todos os véus de imagens intermediárias.

Finalmente reconheço-me a mim mesmo e reencontro o quarto. É uma sensação de leve embriaguez. O quarto parece extraordinariamente condensado em sua matéria, e eu implacavelmente de volta à superfície das coisas: quanto mais profunda a onda de imprecisão, mais alta é a sua crista; nunca, em nenhuma outra circunstância além de tais momentos, me parece mais evidente que cada objeto deve ocupar o lugar que ocupa e que eu devo ser quem sou.

Atormentar-me em insegurança não tem então nenhum motivo; é um simples arrependimento de não ter encontrado nada em sua profundidade. Apenas me surpreende que uma total falta de significado tenha podido estar tão ligada à minha matéria íntima. Agora que me reencontrei e tento expressar minha sensação, ela se apresenta diante de mim perfeitamente impessoal: um simples exagero da minha identidade, que brotou como um câncero a partir de sua própria substância. Um tentáculo de medusa que se estendeu além da medida e que ansiou exasperadamente em meio às ondas, até enfim voltar para baixo da ventosa de gelatina. Em alguns momentos de desassossego, percorri assim todas as certezas e incertezas da minha existência, até retornar definitiva e dolorosamente à minha solidão.

Agora, trata-se de uma solidão mais pura e mais patética. A sensação de distanciamento do mundo é mais clara e mais íntima: uma melancolia límpida e suave, como um sonho resgatado no meio da madrugada.

Só ela ainda consegue me fazer recordar um pouco do mistério e da magia meio triste das minhas *crises* de infância.

Só nesse desaparecimento súbito de identidade é que reencontro minhas quedas no espaço maldito de outrora e só nos momentos de imediata lucidez que se seguem ao retorno à superfície é que o mundo se me apresenta na atmosfera incomum de inutilidade e anacronismo que se formava ao meu redor quando meus transe alucinantes logravam derrubar-me.

Sempre os mesmos lugares da rua, da casa ou do jardim provocavam minhas *crises*. Sempre que eu adentrava esses espaços, o mesmo desmaio e a mesma tontura me envolviam. Verdadeiras armadilhas invisíveis, espalhadas aqui e ali pela cidade, absolutamente semelhantes ao ar que as rodeava — esperavam com ferocidade que eu me tornasse vítima da atmosfera especial que encerravam. Bastava um passo, um só passo para adentrar tal espaço maldito, e a *crise* era inevitável.

Um desses espaços se encontrava no parque municipal, numa pequena clareira ao fim de uma alameda, por onde nunca ninguém passeava. Os arbustos de roseira brava e as acácias anãs que o rodeavam permitiam uma única abertura na direção de uma paisagem desoladora de um campo deserto. Não havia no mundo lugar mais ermo e triste. O silêncio se depunha densamente sobre as folhas empoeiradas durante o abafado calor do verão. De vez em quando, ouviam-se ecos do trompete do regimento. Aqueles longos chamados no deserto eram *dilacerantemente* tristes... Ao longe, o ar inflamado pelo sol tremulava diáfano como vapores transparentes bailando por sobre um líquido em ebulição.

O lugar era selvagem e isolado; sua solidão parecia interminável. Ali, o calor do dia era mais fatigante e o ar que eu respirava, mais pesado. Os arbustos cobertos de poeira queimavam-se amarelados sob o sol, numa atmosfera de perfeita solidão. Uma sensação bizarra de inutilidade pairava naquela clareira que ficava *em algum lugar do mundo*, aonde eu mesmo chegara sem motivo, numa certa tarde de verão também sem sentido. Uma tarde que se perdera caótica no calor do sol, por entre arbustos ancorados no espaço *em algum lugar do mundo*. Então eu sentia,

mais profunda e dolorosamente, que nada havia a fazer neste mundo senão perambular por parques — por clareiras cobertas de poeira e fustigadas pelo sol, abandonadas e selvagens. Era uma perambulação que, por fim, dilacerava meu coração.

## Posfácio

### *O instável mundo de Max Blecher*

FÁBIO ZUKER

*Quem nunca foi tomado por esse sentimento está condenado a jamais sentir a verdadeira amplitude do mundo*, diz o narrador desta história. Um mundo denso, cujos detalhes são capazes de perturbar sua ordem usual — mas suficientemente voláteis para atravessar o corpo daquele que narra. Como se o contorno que separa os objetos dos seres fosse suspenso ao abrir espaço para um outro tipo de discurso: mais próximo à *loucura*, de um estado de espírito diferente do roteiro pré-estabelecido, através do qual são oferecidas inquietações capazes de alterar a própria rota.

Publicado em 1936, *Acontecimentos na irrealidade imediata* é de difícil classificação. O livro reúne experiências desconcertantes, cheias ao mesmo tempo de energia e de melancolia. Em Blecher, a busca é pela escrita de um *corpo permeável*, na qual a percepção da realidade, do tempo e do espaço se confundem.

A escrita fragmentada emula os mecanismos desconexos da memória, no qual excertos narrativos podem tanto se concatenar entre si quanto levar a outros tantos — cenários por vezes interrompidos, quem sabe até fantasiosos, sem um fio condutor racional. Uma sucessão de cenas que cabe como estratégia fantástica à descrição dos fluidos *acontecimentos*, nas antípodas de uma narrativa grandiloquente que anseie por uma perspectiva totalizante.

Composto por um amálgama caleidoscópico de fragmentos da infância e juventude do narrador, a história transcorre em sua maior parte ao longo de um verão. O relato é construído através de distensões temporais, deambulações pelas ruas, encontros eróticos e sexuais, irrupção de desejos impossíveis de serem contidos, crises de saúde que não raro se convertem em desmaios, além de objetos que se imiscuem no próprio corpo e tornam-no alheio a si mesmo. Uma experiência de assombro constante, particularmente presente ao se deparar com fotografias — inclusive com a sua própria —, imagens, encenações ou outras formas de representação do mundo.

#### QUE SUBLIME É SER LOUCO

*Que esplêndido, que sublime é ser louco!*, diz o narrador a si mesmo, em um fluxo de pensamentos que o acompanha ao sair de uma sessão vespertina de cinema. Ele estranha o mundo fora das telas. O anoitecer, que acontecera enquanto estava absorto na escuridão do filme, lhe causa melancolia. Parece-lhe difícil que a abrupta transição do dia que se fez noite enquanto estava no cinema em nada afetou a continuidade da vida, que prossegue em seu desenrolar usual.

Não há uma palavra sobre o filme que acabara de assistir, mas uma divagação acerca do automatismo do mundo e das pessoas. Tal qual a noite que invariavelmente chega a uma determinada hora para encerrar o dia, os elementos performam mecanicamente *uma espécie de triste obrigação de sempre continuar*.

E é caminhando pelas ruas que se depara com aquela que denomina a *louca da cidade*. Suja, cabelos desgrenhados, sem dentes, carregando troços que lhe haviam sido doados, sua figura contrasta com a racionalização irrefletida da repetição de quem, ao seu redor, segue desempenhando o próprio papel, tal como previsto — ou exigido — pelos ditames sociais. O narrador, que parece ser um alter-ego do próprio Max Blecher, inveja a presença

da *louca*, que exhibe seu sexo sem pudor àqueles que passavam pela rua.

Mas há uma inversão: não é a *louca* que performa uma cena, pois goza da liberdade de não seguir um roteiro pré-determinado. São os demais transeuntes que a observam, e permanecem presos aos seus papéis. O narrador estabelece com ela, que sequer o percebeu, uma profunda identificação. Sua loucura possui uma verdade que os outros são incapazes de acessar: *as pessoas ao meu redor pareciam pobres criaturas dignas de pena pela seriedade com que continuamente se ocupavam, acreditando, ingênuas, naquilo que faziam e sentiam*. Mas não o narrador. Este *outro eu* do jovem Blecher se afasta desta existência simulada, triste, deixando-se levar pelas mais variadas situações inauditas, excitantes e angustiantes que as ruas de uma cidade lhe oferecem.

#### O SURREALISMO E A CIDADE

Existe um elemento que subverte os traços de autoficção ou relato memorialista e torna esta obra singular: um refinado experimento literário surrealista. Relativamente próximo ao movimento de André Breton, com quem inclusive trocou cartas, Blecher chegou a publicar textos na revista *O surrealismo a serviço da revolução*.<sup>2</sup> Ecoam em *Acontecimentos na irrealidade imediata* formas surrealistas, como a dos romances *O camponês de Paris*, escrito em 1926 por Louis Aragon, ou *Nadja*, do próprio Breton, escrito em 1928 — cujas narrativas se constroem no ato da caminhada pela cidade e de seus elementos imponderáveis.

Cabe aqui evitar qualquer tipo de anacronismo em relação ao que consideramos hoje uma caminhada pela cidade. A intensidade da experiência urbana era algo novo, e objeto de reflexão intelectual. Georg Simmel identifica no surgimento do *blasé* uma forma de autoproteção aos estímulos incessantes da metrópole; Walter Benjamin, em seu fascinante e multifacetado *Passagens*,

---

2. Em francês, *Le surréalisme au Service de la révolution*.



convida o leitor a flunar pela Paris moderna, seus *boulevards*, galerias, moda, iluminação e demais formas culturais que ali emergiram, como radicalmente distintas de tudo o que até então caracterizaria a vida.

Andar pela cidade, perder-se na paisagem urbana: uma experiência vertiginosa e moderna. É exigido preparo, sob o risco de defrontar-se com caminhos ainda desconhecidos. Entre a carnificina da Primeira Guerra Mundial e a iminente degeneração nazifascista, os surrealistas interpelavam a modernidade a partir da busca por outras categorias de pensamento e formas de experimentação avessas a um real demasiado fixo. Não havia cenário melhor do que a cidade para buscar outras formas de expressão, ávidas por enterrar no passado formas artísticas devotadas a reis poderosos, religiosos influentes ou burgueses endinheirados.

#### UM CORPO POROSO

É folheando um livro de anatomia que o narrador encontra a fotografia de um modelo de cera, que reproduz o interior de uma orelha. *Todos os canais, seios e buracos eram de matéria plena, formando sua imagem positiva* — sua impressão diante da fotografia é tão desmedida, que ele quase desmaia. É a partir da imagem do modelo de cera da orelha que o narrador percebe o potencial de existência de uma outra realidade, ao avesso. *Tudo o que é furado se tornasse cheio, e os relevos atuais se transformassem em vácuos de forma idêntica, sem qualquer conteúdo*. Uma realidade que tivesse como modelo os fósseis, cujos contornos apenas existem na medida em que deixaram marcas esculpidas em pedras.

Num mundo como esse, as pessoas cessariam de ser excrescências multicoloridas e carnosas, cheias de órgãos complexos e putrescíveis, tornando-se vácuos puros, flutuantes como bolhas de ar dentro d'água, atravessando a matéria quente e mole do universo pleno.

A sensação de ser vazio, sem órgãos, como invólucros transparentes, lhe traz um *insight* — como quando após refletir sobre um

problema que há muito nos angustia, conseguimos finalmente observá-lo através de outro ângulo. Aquele mínimo afastamento de uma neurose que nos absorvia, dificilmente compartilhada com alguém que não nós mesmos.

Seu fascínio com a fotografia do modelo de cera lhe permite compreender as aflições e anseios de sua adolescência, quando o sobrepeso do mundo tornava a própria estabilidade opressora, *como se as pessoas e as casas em derredor de repente houvessem se amalgamado numa massa compacta e uniforme de uma única matéria, na qual eu existia como um simples vácuo sem finalidade, locomovendo-me para lá e para cá.*

Blecher narra a experiência de um *corpo poroso*, atravessado por elementos, sensações, objetos e desejos, como que dotados de vida própria. Incontroláveis, excedem à própria razão do narrador que parece em vão tentar organizá-los: mas a eles cede, com prazer e angústia, deixando de ser um dos transeuntes que caminhavam na rua ao redor da *louca* para aproximar-se dela.

#### A POLÍTICA DA EXCLUSÃO

O tema da exclusão e de um certo afastamento da realidade — uma estranheza, ou melhor, mal-estar no mundo — perpassa o livro. É um tópico comum na obra de outros escritores judeus que viveram na Europa na mesma época de Blecher, como Franz Kafka ou Bruno Schulz, dos quais o autor frequentemente é aproximado.

No livro *Léxico familiar* de Natalia Ginzburg, publicado em 1963 — uma geração mais nova do que a de Blecher —, o pertencimento de uma família judia assimilada à sociedade italiana também implica, simultaneamente, na distância de não pertencer. Já na obra de Marcel Proust — também de origem judaica —, com quem Blecher é frequentemente comparado, o afastamento ocorre no plano das memórias que irrompem, o que torna o presente algo que escapa entre os dedos.

Mas em Blecher o *afastamento da realidade* não parece ser da ordem do comedimento ou clausura, como em Kafka e Schulz, nem das tensões políticas e antissemitismo que se acirra com as leis raciais de 1938 na Itália fascista de Ginzburg. A experiência do escritor romeno de estar no mundo com um corpo doente é *sui generis*, e implica momentos de crise que o obrigam a deitar-se, a ponto de desmaiar, e o levam a ações transgressoras, como chafurdar-se em um lamaçal, e nele adormecer até o anoitecer.

Há algo do Antonin Artaud que escreveu *Para dar um fim no juízo de Deus*, publicado em 1947. Em sua peça-transmissão radiofônica, Artaud coloca em xeque a pretensão e superioridade de julgamento das clínicas manicomiais pelas quais passou durante anos. Para questioná-las, faz uma crítica da própria capacidade divina de julgar, e reivindica para si um *corpo sem órgãos*, expressão posteriormente consagrada como conceito teórico por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Um corpo que, livre da composição de seus órgãos, abre-se para um experimento de si. *Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade*, escreve Artaud.

A aproximação do corpo vazado por Blecher e Artaud, cujas margens em relação ao mundo são borradas, salienta o aspecto fundamental da obra do escritor romeno: a escrita emerge de experimentar a doença e de sucessivas internações para tratá-la. No caso de Blecher, diferente de Artaud, não são tratamentos manicomiais, mas de uma tuberculose óssea chamada *Mal de Pott*, para a qual não havia cura na época.

## O JOVEM BLECHER

Blecher nasceu em 1909 em Botoșani, na Romênia, filho de bem-sucedidos comerciantes judeus do ramo da porcelana. Fez seus estudos em Roman, na Moldávia romena, onde provavelmente é narrado *Acontecimentos na irrealidade imediata*. É a mesma

cidade onde faleceria em 1938, aos 28 anos de idade, após cerca de dez anos doente perambulando entre hospitais europeus — e 12 anos após a apresentação dos primeiros sinais de sua enfermidade. A Roman de sua infância e adolescência está separada da Roman de sua morte por um período de intensa atividade artística e viagens.

Durante o liceu, toma contato com a literatura francesa. E ao terminar os estudos em 1928, frente ao crescente antissemitismo na Romênia, Blecher se une a uma legião mundial de jovens seduzidos pelo ambiente cultural moderno da França, e matricula-se no curso de medicina da Universidade de Rouen.<sup>3</sup> É entretanto obrigado a abandoná-lo pouco tempo depois, quando é diagnosticado com tuberculose óssea. A partir de então, sua vida se torna uma sequência de internações em sanatórios da França, da Suíça e de sua Romênia natal.

A década de doença e internações é também a mais rica entre escritos e correspondências, em especial as frequentes cartas trocadas com André Breton, o líder do movimento surrealista francês. Foi também um momento de ainda maior recrudescimento do antissemitismo romeno, por conta do movimento nacionalista e fascista da Guarda de Ferro. É neste ambiente político instável e com o avançar das dores causadas pela doença que Blecher escreve, entre 1934 e 1938, a parte mais significativa de sua obra: *Corpo transparente*, um livro de poemas, *Corações cicatrizados*, um romance,<sup>4</sup> e *A toca iluminada*, uma publicação póstuma — além de, evidentemente, *Acontecimentos na irrealidade imediata*.

Atravessado por forças contrapostas, como melancolia, desespero, desmaios, perda de consciência, descobertas sexuais e impulsos violentos que acabam por nunca se concretizar, *Acontecimentos na irrealidade imediata* é uma obra sem meias palavras.

---

3. A cidade de Rouen é localizada na região histórica da Normandia, noroeste da França.

4. Ambos os livros são traduzidos para o português por Fernando Klabin, que assina também a presente tradução.

O que faz de sua escrita tão potente é o modo como se combinam o detalhamento e expressão de um fluxo de pensamentos profundos acerca de um constante mal-estar no mundo, unido à crueza dos *acontecimentos*. Tal como o narrador, que a partir de situações que cruzam seu caminho sem pedir licença é arrastado a um turbilhão sem fim de pensamentos, é impossível não ser arrebatado pela escrita Max Blecher.

## Ayllon

1. **Ⲡ** *Vilna: cidade dos outros*  
**Laimonas Briedis**
2. **Ⲛ** *Acontecimentos na irrealidade imediata*  
**Max Blecher**
3. **ⲗ** *Yitzhak Rabin: uma biografia*  
**Itamar Rabinovich**
4. **Ⲛ** *Israel e Palestina: um ativista em busca da paz*  
**Gershon Baskin**

## Hors-série

1. *Cabalat shabat: poemas rituais*  
**Fabiana Gampel Grinberg**
2. *Fragmentos de um diário encontrado*  
**Mihail Sebastian**



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta  
Brasil, na data de 6 de janeiro de 2022, em papel pólen soft,  
composto em tipologia Minion Pro, com diversos softwares livres,  
dentre eles Lua<sup>®</sup>TeX<sup>®</sup> git.  
(v. e8a639a)

